GÊNERO E ESPORTE EM CONTEXTOS RURAIS: reprodução de estereótipos e possibilidades de transformação na educação física escolar

JOSÉ EDUARDO MOREIRA DO NASCIMENTO¹

<https://orcid.org/0009-0008-2611-1995>

jose.e_lms@hotmail.com

RESUMO

Este artigo investiga a relação entre gênero e esporte em uma escola rural de Minas Gerais, analisando como as normas de gênero são reproduzidas e contestadas nas práticas esportivas de crianças de 6 a 10 anos. Tais normas alinham-se às expectativas sociais e culturais que atribuem características e comportamentos específicos a meninos e meninas, como a construção de que futebol é um esporte masculino e dança é uma atividade feminina. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou observação participante, grupos focais e entrevistas semiestruturadas com crianças, professores e familiares. Os dados foram analisados à luz de referenciais teóricos como Bourdieu (1999), Butler (1990) e Connell (1995), identificando três categorias principais: reprodução de estereótipos, influência da comunidade e resistências pontuais. Os resultados mostram que as crianças internalizam discursos como “meninas não sabem jogar bola” e “meninos não podem dançar”, refletindo uma ordem de gênero que limita suas experiências corporais. No entanto, práticas pedagógicas críticas e a agência das crianças abrem caminhos para a desconstrução desses estereótipos. Conclui-se que a aula de Educação Física pode ser um espaço de transformação social, desde que haja investimento em formação docente e políticas públicas que promovam a inclusão e a equidade de gênero.

Palavras-chave: Gênero. Esporte. Educação Física. Contexto Rural.

ABSTRACT

This article investigates the relationship between gender and sports in a rural school in Minas Gerais, analyzing how gender norms are reproduced and contested in the sports practices of children aged 6 to 10. Such norms align with social and cultural expectations that attribute specific characteristics and behaviors to boys and girls, such as the construction that soccer is a masculine sport and dance is a feminine activity. The qualitative research used participant observation, focus groups, and semi-structured interviews with children, teachers, and family members. Data were analyzed in light of theoretical frameworks such as Bourdieu (1999), Butler (1990), and Connell (1995), identifying three main categories: reproduction of stereotypes, community influence, and occasional resistances. The results show that children internalize discourses such as "girls can't play soccer" and "boys can't dance," reflecting a gender order that limits their bodily experiences. However, critical pedagogical practices and children's agency open paths for deconstructing these stereotypes. It is concluded that Physical Education classes can be a space for social transformation, provided there is investment in teacher training and public policies that promote inclusion and gender equity.

Keywords: Gender. Sports. Physical Education. Rural Context.

¹ Mestrando em Educação, Universidade Federal de Lavras - UFLA. Lavras, MG, Brasil

1. INTRODUÇÃO

A relação entre gênero e esporte em contextos rurais é marcada por profundas contradições: enquanto a Educação Física escolar tem o potencial de ser um espaço de transformação social, muitas vezes reproduz estereótipos enraizados na cultura patriarcal. Como educador em uma escola rural de Minas Gerais, testemunhei como crianças de 6 a 10 anos internalizam discursos como “meninas não sabem jogar bola” ou “meninos não podem dançar”, refletindo uma ordem de gênero (Connell, 1995) que limita suas experiências corporais. Essas dinâmicas não apenas reforçam hierarquias de gênero, mas também restringem o desenvolvimento pleno das crianças, tanto em suas habilidades físicas quanto em sua expressão identitária. Nesse sentido, o esporte e a educação física, embora possam ser instrumentos de emancipação, frequentemente atuam como dispositivos de controle, reproduzindo normas sociais que perpetuam desigualdades.

Este estudo, ancorado em referenciais teóricos como Foucault (1979) - poder, Bourdieu (1999) - habitus e Butler (1990) - performatividade, tem como objetivo central mapear os mecanismos de reprodução e resistência aos estereótipos de gênero nas práticas esportivas em contextos rurais, propondo caminhos pedagógicos para uma educação física antissexista. A relevância do projeto reside na urgência de se compreender como as normas de gênero são negociadas e contestadas no cotidiano escolar, especialmente em ambientes rurais, onde tradições conservadoras e uma visão binária de gênero tendem a ser mais arraigadas. A questão central que orienta esta pesquisa é: como as crianças negociam as normas de gênero nas práticas esportivas em um contexto rural marcado por tradições conservadoras?

Para responder a essa pergunta, o estudo se propõe a investigar não apenas os processos de reprodução das normas de gênero, mas também as possibilidades de transformação que emergem no cotidiano escolar. O ambiente rural, com suas particularidades culturais e sociais, muitas vezes reforça uma visão hierarquizada de gênero, como apontado por Connell (1995) ao discutir a construção das masculinidades e feminilidades hegemônicas. No entanto, também é possível

identificar fissuras nessa estrutura, onde práticas pedagógicas críticas e reflexivas podem fomentar a desconstrução desses padrões.

A contribuição deste projeto está em oferecer subsídios teóricos e práticos para educadores que atuam em contextos rurais, visando a promoção de uma educação física inclusiva e antissexista. Além disso, ao destacar a agência das crianças e a atuação consciente dos educadores, o estudo busca evidenciar como o esporte e a educação física podem se tornar espaços de resistência e transformação social, rompendo com ciclos de reprodução de desigualdades. Em um cenário em que as discussões sobre gênero e educação ainda enfrentam resistências, especialmente em áreas rurais, este trabalho se coloca como uma ferramenta para repensar práticas pedagógicas e fomentar um ambiente escolar mais equitativo e plural.

2. TEORIZANDO GÊNERO NO CONTEXTO RURAL

A naturalização da divisão sexual do trabalho no campo — homens na lavoura, mulheres no cuidado doméstico — cria um *habitus* (Bourdieu, 2007) que influencia até mesmo nas brincadeiras infantis. Nas observações, meninas eram frequentemente designadas a “ajudar” o professor a organizar equipamentos, enquanto meninos assumiam papéis de liderança nos jogos. Essa dinâmica ecoa o conceito de *violência simbólica* (Bourdieu, 2001), onde hierarquias são naturalizadas sem questionamento. Como afirma Bourdieu (2001, p. 45), “a violência simbólica é aquela que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, muitas vezes, daqueles que a exercem”. Tal cumplicidade ecoa de forma mais veemente no contexto rural, em que, as crianças, por meio de suas interações cotidianas, reafirmam os papéis de gênero apreendidos no ambiente familiar e nas dinâmicas comunitárias.

Butler (1990) argumenta que o gênero é uma performance reiterada socialmente. Nas aulas de educação física, meninos performavam “masculinidade” através de gestos agressivos (como gritar “sou o mais forte!”), enquanto meninas eram elogiadas por serem “delicadas” ao pegar bolas. Para Scott (1995), tais comportamentos são *tecnologias de gênero* que disciplinam corpos desde a infância. Como ela destaca, “o gênero é uma forma primária de relações de poder, que organiza a vida social e as instituições, moldando corpos e subjetividades” (Scott

1995, p. 32). Esse processo de disciplinamento é particularmente evidente no contexto rural, onde tradições conservadoras reforçam a divisão binária de gênero.

2.2 Machismo estrutural e Educação Física

A disparidade de gênero observada nas aulas de Educação Física em escolas rurais evidencia um problema estrutural: a ausência de políticas públicas específicas para o tema nesses contextos. Na instituição estudada, não havia materiais pedagógicos que representassem mulheres em esportes como boxe ou judô, reforçando a invisibilidade de modelos disruptivos. Como aponta Louro (1997, p. 78), “a escola, ao invés de ser um espaço de transformação, acaba por reproduzir as desigualdades sociais e de gênero, especialmente em contextos onde as tradições são mais arraigadas”.

Um exemplo emblemático ocorreu durante um campeonato de futebol: as meninas foram proibidas de participar sob a justificativa de que “poderiam se machucar”¹ (Diário de campo, maio de 2023)². Essa postura, como critica Goellner (2005), reduz o corpo feminino a uma suposta fragilidade biológica, ignorando dimensões culturais. Goellner (2005, p. 112) afirma que “a ideia de que as mulheres são naturalmente frágeis e menos aptas para o esporte é uma construção social que serve para manter as hierarquias de gênero”. Essa naturalização da diferença biológica é um dos pilares do machismo estrutural que permeia a educação física em contextos rurais.

2.3 Potenciais para a desconstrução

Apesar dos desafios encontrados na promoção da igualdade de gênero no esporte escolar, oficinas como “Heroínas do Esporte”, em que os estudantes conheceram a trajetória de Marta (futebol) e Rafaela Silva (judô), mostraram resultados promissores ao incentivar o protagonismo feminino entre as alunas. Após a atividade, 40% das meninas manifestaram interesse em experimentar esportes “masculinos” (Grupo Focal 4, 2023). Davis (2018) ressalta que a visibilidade de referências femininas é crucial para desestabilizar estereótipos. Como ela destaca: “A representação de mulheres em espaços tradicionalmente masculinos não apenas

² O registro de campo é parte integrante da pesquisa realizada entre março e agosto de 2023, em uma escola rural de Minas Gerais, conforme descrito na seção de metodologia.

desafia normas de gênero, mas também abre possibilidades para que outras mulheres e meninas se vejam como sujeitos ativos nesses espaços” (Davis, 2018, p. 145). Além disso, a introdução de jogos cooperativos (como “queimada sem times”) reduziu conflitos de gênero em 60% das aulas observadas. Para Kunz (2001), essas práticas incentivam a *colaboração sobre a competição*, rompendo com lógicas excludentes. Kunz (2001, p. 89) argumenta que “a educação física deve ser um espaço de inclusão, onde a cooperação e o respeito mútuo substituam a competição e a exclusão”. Essas iniciativas, ainda que pontuais, demonstram que é possível transformar a educação física em um espaço de desconstrução de estereótipos de gênero, mesmo em contextos rurais marcados por tradições e estereótipos conservadores.

2.4 A importância da formação docente

Outro aspecto crucial para a transformação das práticas de educação física no contexto rural é a formação docente. Conforme apontado por Neira (2018), muitos professores atuam sem o preparo necessário para lidar com questões de gênero, reproduzindo práticas excludentes por falta de conhecimento ou recursos. Neira (2018, p. 102) afirma que “a formação docente deve incluir discussões sobre gênero e diversidade, capacitando os educadores a questionar estereótipos e promover práticas pedagógicas inclusivas”. Na escola estudada, a ausência de formação específica sobre gênero foi um dos principais obstáculos para a implementação de atividades mais igualitárias.

Durante as entrevistas, um professor relatou: "Nunca tive formação sobre como trabalhar questões de gênero nas aulas de educação física. Acabo seguindo o que vi quando era aluno" (Docente, 2023). Esse depoimento ilustra a necessidade de políticas públicas que invistam na capacitação de professores, especialmente em contextos rurais, onde os desafios são ainda maiores. A formação docente, portanto, é um eixo fundamental para a desconstrução de estereótipos de gênero e a promoção de uma educação física verdadeiramente inclusiva.

3. METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender as dinâmicas de gênero nas práticas esportivas em uma escola rural de Minas Gerais. A escolha por uma metodologia qualitativa justifica-se pela necessidade de capturar a complexidade das relações sociais e das subjetividades envolvidas na reprodução e resistência às normas de gênero no contexto estudado. Para tanto, foram utilizadas técnicas de coleta de dados que permitissem uma imersão no cotidiano escolar, bem como a análise das percepções e práticas de crianças, professores e familiares.

A pesquisa foi desenvolvida ao longo de cinco meses e envolveu três técnicas principais de coleta de dados: observação participante, grupos focais e entrevistas semiestruturadas. A observação participante foi realizada durante aulas de educação física, recreios e eventos escolares, permitindo capturar as interações cotidianas entre as crianças e as práticas pedagógicas dos professores em situações naturais. O pesquisador assumiu o papel de observador ativo, registrando comportamentos, diálogos e situações que evidenciassem a reprodução ou a contestação das normas de gênero. O diário de campo foi o principal instrumento utilizado para documentar essas observações.

Além da observação, foram realizados grupos focais com 30 crianças, divididos em duas faixas etárias (6-8 anos e 9-10 anos). Essa divisão permitiu capturar diferenças nas percepções e experiências das crianças em relação ao gênero e ao esporte, considerando o desenvolvimento cognitivo e social em cada fase. Os grupos focais foram conduzidos com base em um roteiro semiestruturado, que abordava temas como preferências esportivas, percepções sobre atividades “de menino” e “de menina”, e experiências de exclusão ou inclusão. Essa técnica foi fundamental para compreender como as crianças internalizam e negociam as normas de gênero em suas práticas cotidianas.

Por fim, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com 10 professores e 15 familiares. As entrevistas com os professores buscaram compreender suas percepções sobre gênero e esporte, bem como os desafios enfrentados em suas práticas pedagógicas. Já as entrevistas com familiares focaram no papel da comunidade na reprodução das normas de gênero e nas expectativas em relação às

atividades esportivas das crianças. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para análise, proporcionando insights valiosos sobre como as normas de gênero são transmitidas e reforçadas tanto no ambiente escolar quanto na comunidade. Para preservar o anonimato e diferenciar os participantes, os professores serão citados como "Docente [número]" e os familiares como "Familiar [número]" no texto.

A análise dos dados foi realizada com base na metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), que envolveu três etapas principais: pré-análise, exploração do material e interpretação. Na etapa de pré-análise, os dados foram organizados e submetidos a uma leitura flutuante, com o objetivo de familiarizar-se com o material e identificar temas recorrentes. Em seguida, na etapa de exploração do material, os dados foram codificados em categorias temáticas, com base nos objetivos da pesquisa e nas questões emergentes. Foram identificadas três categorias principais: Reprodução de Estereótipos, Influência da Comunidade e Resistências Pontuais. Por fim, na etapa de interpretação, os dados foram analisados à luz dos referenciais teóricos adotados: Foucault (1979), Bourdieu (1999), Butler (1990), entre outros, buscando compreender os mecanismos de reprodução e resistência às normas de gênero no contexto estudado.

O quadro 1 apresenta as técnicas de coleta de dados utilizadas na pesquisa e suas respectivas finalidades.

Quadro 1 - Técnicas de coleta de dados e finalidades

Técnica	Participantes	Finalidade
Observação Participante	Crianças e professores	Capturar interações cotidianas e práticas pedagógicas em situações naturais.
Grupos Focais	30 crianças (6-8 e 9-10 anos)	Compreender percepções e experiências das crianças sobre gênero e esporte.
Entrevistas Semiestruturadas	10 professores e 15 familiares	Analisar percepções de professores e familiares sobre gênero e esporte.

Fonte: Elaborada pelo autor (2025)

A pesquisa foi conduzida em conformidade com as diretrizes éticas para pesquisas envolvendo seres humanos. Todos os participantes (crianças, professores e familiares) foram informados sobre os objetivos da pesquisa e assinaram Termos

de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No caso das crianças, o consentimento foi obtido por meio de seus responsáveis legais. Além disso, foram adotados pseudônimos para garantir o anonimato dos participantes.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS

4.1 Reprodução de estereótipos

A análise dos dados coletados mostrou que os estereótipos de gênero estão profundamente enraizados nas práticas esportivas das crianças. No grupo de meninas observadas, 85% evitavam participar de atividades como o futebol, muitas vezes por medo de “brincadeiras ofensivas” ou de serem ridicularizadas por colegas (Grupo Focal 2, 2023).

Ao observar tal comportamento, notamos a internalização de discursos que associam o futebol à masculinidade, excluindo as meninas de experiências motoras relevantes e reforçando a ideia de que certos esportes são “inapropriados” ou “difíceis” para elas. No contexto rural, esse dado é ainda mais relevante, onde normas e padrões conservadores de gênero são frequentemente reforçados por valores comunitários tradicionais e por uma divisão sexual do trabalho historicamente naturalizada (Bourdieu, 2007).

Por outro lado, 70% dos meninos opuseram-se a participar de atividades como balé ou dança, associando essas práticas à feminilidade ou à homossexualidade (Docente 2, junho 2023). Essa rejeição ilustra como a performatividade de gênero, conforme Butler (1990), é reforçada desde a infância, limitando as formas de expressão corporal. Ao analisar contextos rurais, essa normatividade é ainda mais evidente, uma vez que atividades tidas como “femininas” são desvalorizadas e vistas como ameaças à masculinidade hegemônica (Connell, 1995). Desse modo, os dados aqui discutidos, reforçam que a educação física, quando desprovida de uma abordagem crítica e inclusiva, pode atuar como um dispositivo de controle, reproduzindo normas sociais excludentes e reforçando desigualdades de gênero no ambiente escolar.

Além disso, observou-se que mesmo as crianças que, inicialmente reproduziam os estereótipos, passaram a questioná-los quando expostas a modelos alternativos de comportamento e à mediação crítica dos professores. Como Scott

(1995) teoriza, o gênero é uma categoria relacional construída nas interações sociais e instituições. Nesse sentido, a escola rural, ao adotar práticas pedagógicas que desafiem essas convenções — como oficinas temáticas, jogos mistos e valorização de diferentes habilidades corporais —, pode ser um canal propício de resistência às lógicas binárias e à normatividade de gênero, contribuindo para uma formação mais equitativa e plural.

4.2 Influência da comunidade

A comunidade local desempenha um papel significativo na reprodução das normas de gênero. Nas entrevistas com familiares, foi comum ouvir declarações como: “Minha filha vai ajudar em casa, não tem tempo para esporte” (Familiar 1, abril, 2023). Essa fala ilustra como a divisão sexual do trabalho no campo, discutida por Bourdieu (2007), influencia as oportunidades das crianças, especialmente das meninas, de participarem de atividades esportivas.

Além disso, os professores, muitas vezes sem formação adequada para lidar com questões de gênero, justificavam a separação por gênero nas aulas de educação física com argumentos como: “É mais prático evitar conflitos” (Docente 1, junho, 2023). Essa postura reforça a naturalização das hierarquias de gênero, como apontado por Louro (1997) e demonstra a necessidade de políticas públicas que invistam na formação docente e na promoção de práticas pedagógicas inclusivas.

4.3 Resistências pontuais

Apesar dos desafios, foram identificadas práticas de resistência que apontam para possibilidades de transformação. Um exemplo emblemático foi o caso de uma menina de 9 anos que organizou um time misto de vôlei, argumentando: “Todo mundo pode jogar!” (Registro de campo, 2023). Essa iniciativa demonstra como a agência das crianças pode desafiar normas de gênero e abrir caminhos para a inclusão.

Outro exemplo foi a participação de dois meninos em uma oficina de dança, apesar das zombarias dos colegas. Esses casos, embora pontuais, mostram que a visibilidade de práticas disruptivas e a atuação consciente de educadores podem fomentar a desconstrução de estereótipos. Como destacado por Davis (2018), a

representação de modelos alternativos é crucial para desafiar normas de gênero e ampliar as possibilidades de expressão identitária das crianças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou que a relação entre gênero e esporte em contextos rurais é marcada por contradições: enquanto as normas de gênero são frequentemente reproduzidas, também existem espaços de resistência e transformação. A reprodução de estereótipos, influenciada pela comunidade e pela falta de formação docente, limita as experiências corporais e identitárias das crianças. No entanto, práticas pedagógicas críticas e a agência das crianças podem abrir caminhos para uma educação física mais inclusiva e antissexista.

A contribuição deste trabalho está em oferecer subsídios teóricos e práticos para educadores que atuam em contextos rurais, destacando a importância de políticas públicas que promovam a formação docente e a visibilidade de modelos disruptivos. Além disso, ao evidenciar as resistências pontuais, o estudo reforça a ideia de que o esporte e a educação física podem ser espaços de transformação social, rompendo com ciclos de reprodução de desigualdades.

Em um cenário em que as discussões sobre gênero e educação ainda enfrentam resistências, especialmente em áreas rurais, este trabalho se coloca como uma ferramenta para repensar práticas pedagógicas e fomentar um ambiente escolar mais equitativo e plural. A desconstrução dos estereótipos de gênero no esporte não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma forma de garantir o desenvolvimento pleno e integral de todas as crianças.

6. REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DOCENTE [pseud.]. **Relato sobre formação docente e gênero na educação física**. Entrevista concedida a José Eduardo Moreira do Nascimento. Nepomuceno, jun. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 28–40.

KUNZ, Eleonor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

NASCIMENTO, José Eduardo Moreira do. **Diário de campo da pesquisa “Gênero e esporte em contextos rurais”**. [Diário de campo]. Minas Gerais, maio de 2023.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física cultural: inspiração e prática pedagógica**. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

REGISTRO DE CAMPO. **Observações realizadas durante as aulas de Educação Física**. Minas Gerais, junho de 2023. Documento não publicado.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.